

## A SOCIOLOGIA NO COLÉGIO PEDRO II: O TRIPÉ ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Valéria Lopes Peçanha\*  
Natália Braga de Oliveira\*\*

**RESUMO** O presente trabalho realiza uma análise sobre a experiência das autoras como professoras de Sociologia do Colégio Pedro II. Através da articulação entre ensino, pesquisa e extensão, da interdisciplinaridade e do estreito diálogo com os estudantes e suas organizações, objetiva-se criar uma relação pedagógica dinâmica, que parte do pressuposto de que os alunos são sujeitos produtores de sentidos, conhecimentos e práticas. Nesse sentido, a Sociologia emerge como uma disciplina com força prática que acolhe necessidades e potencializa a ação dos sujeitos, recriando a dinâmica escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino de Sociologia; Prática de Ensino; Ensino, pesquisa e extensão.

**ABSTRACT** This paper makes an analysis on the experience of the authors as sociology teachers of the College Pedro II. By linking education, research and extension, interdisciplinary approach and close dialogue with the students and their organizations, the objective is to create an educational dynamic relationship, which assumes that students are producers of meanings, knowledge and practices. In this sense, sociology emerges as a discipline with practical force that hosts needs and enhances the action of people, reconstructing the school dynamics.

**KEYWORDS:** Sociology teaching; Teaching practice; Teaching, research and extension.

51

---

### I. Apresentação

Desde o nosso recente ingresso, o trabalho que desenvolvemos, como professoras do Departamento de Sociologia do Colégio Pedro II em regime de dedicação exclusiva, se desenvolve em concomitância a uma série de transformações organizacionais que caracterizam a instituição e a educação brasileira, de um modo geral. Tais mudanças, oriundas das estratégias do MEC para expandir oferta de ensino técnico-científico no Brasil, tem como base os Institutos Federais e resultam na própria redefinição da rede federal de educação (Filho & Chaves, 2014).

---

Trabalho apresentado no IV Encontro Nacional sobre o Ensino de Sociologia na Educação Básica, Julho de 2015.

\* Mestre em Serviço Social pela UFRJ, Professora do Departamento de Sociologia do Colégio Pedro II.

\*\* Mestre em Antropologia e Sociologia pela UFRJ, Professora do Departamento de Sociologia do Colégio Pedro II.

Esses elementos, que caracterizam a política educacional brasileira no último período, possuem impactos expressivos sobre o fazer pedagógico dentro do Colégio Pedro II, principalmente através da expansão das atividades de pesquisa e extensão que se coadunam ao ensino, também expandido da educação básica (tradicionalmente o principal eixo de atuação da instituição) para o ensino superior em nível de pós-graduação. Este processo resulta no aumento da produtividade do trabalho docente, promovendo a ampliação das perspectivas profissionais no interior da instituição e atendendo parcialmente às demandas do qualificado quadro docente que compõe o Colégio Pedro II, num processo marcado por múltiplas contradições.

Este cenário de intensa transformação do qual fazemos parte, não acontece ao acaso, mas tem contado com a atuação de sujeitos comprometidos em garantir a horizontalidade e representatividade deste processo em que atualmente estão sendo gestados Núcleos de Pesquisa, Projetos de Extensão, Programas de Iniciação Científica e de Monitoria no Ensino Médio e diversas iniciativas que ampliam os horizontes da relação ensino-aprendizagem na instituição.

Cabe-nos destacar que, as condições de trabalho com as quais contamos para a nossa atuação como regentes da docência em Sociologia no Colégio Pedro II - este que é um dos institutos educacionais mais tradicionais e historicamente relevantes do Brasil e da América Latina -, são diferenciais no que diz respeito ao quadro mais amplo da educação pública brasileira. Estas, em grande medida, se devem à persistente atuação de seus servidores nos múltiplos espaços de participação na disputa dos rumos políticos da instituição.

O presente trabalho constitui um esforço de reflexão sobre o modo como vivenciamos tais redefinições em que se constroem as nossas práticas pedagógicas, tendo como destaque a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, sob a forma como vêm se estruturando recentemente no Colégio Pedro II e visando ressaltar as estratégias adotadas para construir os sentidos de autonomia e emancipação que almejamos em nossa prática docente.

## II. Breves reflexões sobre o papel político-pedagógico da Sociologia no Ensino Médio

Muito se tem dito sobre o retorno da Sociologia ao Ensino Médio, ligado ao contexto da redemocratização da sociedade brasileira e do modelo escolar na década de 80 e, posteriormente, ao processo de redefinição da educação brasileira através da LDB na década de 90. Neste último documento, através do artigo 36, § 1º, inciso III incorporava-se ao Ensino Médio

“(...) os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação serão organizados de tal forma que ao final do Ensino Médio o educando demonstre (...) domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania” (Brasil, 1996).

Entretanto, o retorno da Sociologia como componente permanente do currículo escolar, só se concretizaria com as Orientações Curriculares Nacionais do Ensino Médio, estabelecendo-se pelo Parecer CNE/CEB 38/2006, a inclusão curricular da Sociologia como disciplina obrigatória na Educação Básica.

Uma vez instaurado, o Ensino de Sociologia no Brasil constitui uma realidade complexa e variada que reflete as disparidades do próprio sistema educacional brasileiro, no que se refere às desigualdades entre as redes de ensino, dentre outras. Há, entretanto, um esforço coletivo que confere à Sociologia uma atuação como disciplina que se pensa e se reflete criticamente. Esse pensar nos possibilita alguma capacidade de reconhecimento das contradições, dilemas e desafios que marcam a nossa trajetória, individual e/ou coletivamente. Ocorre, por exemplo, através de mecanismos de livre organização tais como a ABECS e de eventos como o ENESEB, dentre outros formatos regionais.

A Sociologia, quando posta em ação por sujeitos da educação que decidem disputar os sentidos da educação, existe como um elemento incômodo no espaço escolar. A educação brasileira - o nosso chão -, em sua constituição histórica tornou-se um espaço autoritário, antidemocrático, tendo em sua realidade contemporânea se aproximado cada vez mais da lógica empresarial e competitiva, de modo que o

“exercício da cidadania” torna-se menos óbvio, menos tácito e menos lugar-comum.

Considerando que as nossas reflexões sobre a sociedade não estão descoladas do espaço escolar - porque a escola não está de forma alguma segregada da sociedade -, vemos que em geral, as questões das quais se ressentem a sociedade brasileira, estão presentes de uma forma ou de outra, refletidas no espaço escolar. Dos acirramentos políticos, às reações conservadoras, até as demais agruras que atingem nossa frágil democracia. E isso com a única vantagem de que, estes sujeitos em formação, na sua condição de educando, têm a possibilidade de reconhecer o quão provisório é o seu conhecimento. São, portanto, o terreno mais fértil das possibilidades que temos ainda hoje, em pleno século XXI, de formar sujeitos transformadores pelas vias de educação.

Se não contamos com amplo reconhecimento da nossa eficácia em garantir bons índices de aprovação no vestibular e no ENEM, e nem temos grandes contribuições reconhecidas até o momento para a “formação de capital humano” nos moldes requeridos pelo mercado de trabalho, nos moldes exigidos para o incremento da produtividade capitalista, mas ao contrário, se muito facilmente somos considerados “criadores de problemas” numa estrutura educacional carente de democracia tanto interna, quanto externamente, podemos considerar que o pensamento crítico - nosso ofício -, consiste num contradiscurso, num constante exercício de “remar contra a maré” do discurso hegemônico do capital, partindo da educação em uma sociedade em crise, que cada vez reserva menos garantias individuais para os cidadãos que forma.

Com os argumentos apresentados até aqui, afirmamos: a Sociologia no Ensino Médio é uma questão política! É uma disciplina intrinsecamente ligada à cidadania democrática, até mesmo estratégica para a democracia brasileira. Embora não caiba neste breve espaço tratar da (des)colaboração da mídia para a formação cidadã do povo brasileiro, não poderíamos deixar de ressaltar os ataques desferidos contra a Sociologia por determinadas frações da mesma. Por inúmeras vezes a Sociologia é sendo tratada como disciplina de menor importância por uma visão educacional

competitiva que, sendo excessivamente direcionada ao treinamento dos estudantes para o vestibular e para o mercado de trabalho, a vê como supérflua. Também são comuns os argumentos que alardeiam a sobrecarga curricular, a fim de defender a exclusão das disciplinas do campo das Ciências Humanas do currículo. Ambas as visões, desprezam o grande potencial da Sociologia para a formação da cidadania e do pensamento crítico no currículo escolar, colaborando para a concretização de uma educação que tenha como objetivo “o trabalho educativo entendido como o ato de produzir direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens” (Saviani, 2003).

Sob esta ótica, ousamos inverter as coisas. Se o que queremos é, utilizando a definição de Saviani “a produção da humanidade no homem”, então a Sociologia é uma das disciplinas mais importantes no currículo escolar. Há, entretanto, um agravamento mais recente que nos cabe apontar. Os ataques que estamos sofrendo no último período são de uma nova ordem. Através do termo “assédio ideológico”, grupos conservadores tem se instrumentalizado para a direta e ativa criminalização das disciplinas ligadas às ciências humanas na educação. Atualmente tramita pela Câmara dos Deputados Federais o projeto de lei n.º 867/2015, que pretende incluir “entre as diretrizes e bases da educação nacional, o Programa Escola sem Partido”. Embora não seja exclusiva, tal perseguição tem na Sociologia um dos seus principais alvos e persiste há anos nas colunas escritas por Reinaldo Azevedo e Rodrigo Constantino na Revista Veja, por exemplo. Neste sentido, na democracia brasileira, é tempo de defender o óbvio e reafirmar o princípio político e emancipador da educação, bem como o potencial da Sociologia como disciplina que colabora para a formação da cidadania e do pensamento crítico. No quadro mais geral, vivenciamos tempos em que a educação brasileira é duramente atingida pela reestruturação produtiva, pelo ajuste fiscal, pelos cortes orçamentários, pelas pressões por produtividade e, nos cabe reconhecer que todos esses elementos exercem pressões sobre o trabalho docente. Com a crise em 2015, esse contexto aparece nos Institutos Federais de modo agravado, até mesmo contrariando aos anos de expansão que a antecederam.

Tais questões configuram um campo de exercício do ato de educar extremamente complexo, em que tudo pode ser transformado, inclusive para pior. A própria intermitência da Sociologia nos mostra as dificuldades enfrentadas pelas gerações que nos antecederam para que chegássemos à grade curricular. Por isso, nos cabe resgatar a noção de disputa presente na educação, a urgente reafirmação da dimensão política cotidianamente presente no fazer docente, mas tantas vezes oculta sob os conteúdos e a dinâmica institucional da educação. Saviani captou estas dimensões com precisão:

“Quando afirmo que a educação é sempre um ato político, quero com isso frisar que a educação cumpre sempre uma função política. Mas é preciso não identificar essa função política com outra função que a educação cumpre que é a função técnica. Essas funções não se identificam, elas se distinguem. Mas embora distinguíveis, são inseparáveis ou seja: a função técnica é sempre subsumida por uma função política.” (Saviani, 1987: p. 194).

Henry Giroux ao compreender a escola como um fundamental espaço de construção de identidades e subjetividades, situada no seio da disputa pelos sentidos em que se desenvolve tal construção, nos ajuda a dar conta desta dimensão. Segundo o autor, são muitas as dificuldades encontradas pelos sujeitos da educação nesse contexto de “solapamento do poder” e de aumento do controle sobre o trabalho pedagógico, que se exercem sobre os profissionais da educação – frequentemente deslegitimados da condição de “líderes educacionais críticos”.

### **III. Ensino, pesquisa e extensão como ferramentas pedagógicas na Educação Básica**

As diferentes estratégias educacionais utilizadas no Ensino Básico, que aqui serão analisadas, tiveram - e tem - como um dos principais objetivos significar o programa de Sociologia para os estudantes do Ensino Médio, aproximando-o das expectativas dos estudantes em relação ao processo educativo e de suas realidades cotidianas. A ideia é construir uma junção entre a rotina escolar, as rotinas pessoais e as relações sociais mais amplas. Assim como propõe Wright Mills (2009), ao refletir sobre o trabalho intelectual, as experiências pessoais devem ser usadas nas atividades desenvolvidas no ambiente escolar, através do seu

constante exame e interpretação; atribuindo sentido às atividades escolares. A vida e a escola não devem se constituir como esferas separadas, a escola deve promover no estudante uma constante autorreflexão, amparada pelos programas das diferentes disciplinas, tornando a experiência escolar uma experiência de fato significativa e não mais mero treinamento.

Na via contrária, a conexão entre o programa da Sociologia e a vida do estudante é capaz de possibilitar ao educando um maior entendimento de sua realidade. Através do exercício da imaginação sociológica (Mills, 1975) podemos pautar nossas ações e experiências particulares a partir de referências mais amplas, estabelecendo conexões entre o vivido e os fenômenos históricos e sociais. A Sociologia, nesse sentido, é uma importante ferramenta na elucidação do mundo e suas transformações, buscando responder às incertezas e angústias do indivíduo. Os jovens e adolescentes do século XXI vivenciam um momento de intensas transformações, sendo marcados por fortes questionamentos em relação ao presente e ao futuro. O exercício da imaginação sociológica se apresenta com um instrumento eficaz na construção de respostas a tais questionamentos; permitindo aos estudantes estabelecerem uma conexão entre o cenário social mais amplo e suas vidas particulares. O estabelecimento de “pontes” entre as vivências pessoais e cotidianas e o programa da Sociologia no Ensino Médio permite então, uma construção de significados de “mão dupla”. Se, por um lado, a experiência do educando pensada a partir do conteúdo programático o torna significativo, por outro, as teorias e conceitos sociológicos auxiliam na compreensão e explicação das experiências individuais.

Desde a modernidade, a burocratização das relações sociais, característica do processo de desenvolvimento capitalista, transforma a educação em uma ação impessoal e sem prazer, de forma semelhante a que ocorre no trabalho. Na educação, a racionalização e burocratização faz com que os conteúdos escolares percam sua conexão com a realidade na percepção dos estudantes, os objetivos educacionais se fixam em obtenção de certificados através da aprovação em exames. Os títulos e certificados são, na maioria das vezes, usados para obtenção

ou manutenção de vantagens econômicas e, por isso, passam a ser o fim do processo educacional, a despeito de um real interesse pelo conhecimento (Weber, 1974). O processo de aprendizado ao tornar-se uma ação mecanizada, avança sobre a curiosidade do educando, matando-a, impedindo o desenvolvimento de um pensamento crítico - pressuposto essencial da Sociologia na Educação Básica. A curiosidade é a matriz para o desenvolvimento de um pensamento crítico e autônomo (Freire, 2007), quando a educação é pensada apenas com um treinamento para a realização de exames - perspectiva cada vez mais fortalecida - os estudantes passam a ser vistos como repositórios de conteúdos programáticos “necessários”, conteúdos que passam então a ter cada vez menos significado para o educando. O processo educativo transforma-se em uma ação “bancária”, onde os seres humanos são transformados em autômatos. Nesse contexto, não há espaço para o “desvelamento do mundo” e para a consequente conscientização do educando (Freire, 1970).

Na tentativa de significar a ação educativa escolar, inúmeras estratégias são usadas para atrair a atenção dos estudantes, no entanto, de maneira geral, são apenas superficiais e incapazes de ressignificar o conteúdo para jovens do século XXI. De fato, tornam a aula mais atrativa e agradável, mas não o conhecimento, pois não conectam o conhecimento escolar à realidade social dos educandos (Dewey, 1967).

No *campus* Niterói do Colégio Pedro II, buscamos superar tais dificuldades a partir da integração de experiências nas áreas de ensino, pesquisa e extensão. Pensando em promover ações que pudessem ser desenvolvidas a partir das demandas dos estudantes e de nossa reflexão sobre o programa, foram construídas diversas atividades pedagógicas que pudessem levar a Sociologia escolar para fora da sala de aula, ao mesmo tempo em que fossem capazes de integrar o currículo escolar e o próprio programa de Sociologia.

Esse processo possui um aspecto amplo. Tomando as disciplinas que compõem o campo de Ciências Humanas como um polo aglutinador, do ponto de vista curricular, nosso trabalho prima pelo desenvolvimento da interdisciplinaridade e interação com as demais áreas. Destas iniciativas surgiram muitas parcerias e experiências



pedagógicas enriquecedoras desenvolvidas com colegas professores de História, Filosofia e até mesmo Biologia.

No campo do ensino, o esforço vem se concentrando em integrar o programa da disciplina em uma determinada série, com o objetivo de apresentar aos estudantes um todo coerente, buscando a superação das fragmentações que caracterizam a produção do conhecimento científico desde o início da modernidade (Thiesen, 2008). Com base nessa perspectiva, na 1ª série do Ensino Médio foi realizada, durante o ano de 2014, uma série de atividades que perpassaram todas as etapas (certificações) do ano letivo. Os estudantes produziram três trabalhos ao longo do ano que se conectavam a partir de um grande tema motivador: a análise da perspectiva meritocrática na realidade atual brasileira, tema escolhido por se aproximar da experiência comum recém vivenciada pelas turmas de 1ª série – a aprovação no concurso de ingresso para o Colégio Pedro II – além de se apresentar transversalmente em todos os temas do programa de Sociologia da série, a saber: indivíduo e sociedade; trabalho; desigualdade e estratificação social. A partir daí, foram produzidas pesquisas nas diferentes etapas, com o objetivo de dar suporte teórico e metodológico à atividade final: uma exposição fotográfica. Nessa exposição, os estudantes produziram, por turma, uma série de fotos que retratassem de maneira crítica a ideologia meritocrática no cotidiano dos próprios estudantes.

O resultado - o tensionamento crítico das diferenciações meritocráticas entre os próprios educandos e a promoção da integração das turmas - foi extremamente frutífero e nos levou a refletir sobre o próprio Colégio Pedro II, que tem seu acesso condicionado a exames de seleção e parte expressiva da sua lógica institucional marcada pelo mérito individual. A título de ilustração cabe citar o Prêmio Anual Pena de Ouro.

Neste ano, 2015, a experiência está sendo realizada novamente, mas estendida à 3ª série do Ensino Médio e terá como tema motivador os direitos humanos. Os estudantes já estão produzindo pesquisas que se complementarão ao longo do ano, culminando em uma exposição dos trabalhos na semana cultural do *campus*. Da mesma forma, a 1ª série do Ensino Médio está trabalhando a partir da noção de direitos como tema norteador dos trabalhos e pesquisas que serão

Revista *Perspectiva Sociológica*, Número 17, 1º sem. 2016.

desenvolvidos ao longo do ano.

A escolha do tema dos direitos se justifica por este ser um ponto fundamental de nossos projetos de dedicação exclusiva no CPIL, que versa sobre a participação política da juventude no século XXI. A diretriz que permeia os projetos é a ideia de que a luta e a garantia de direitos se concretiza a partir do entendimento da política como um processo de tomadas decisões, e nesse sentido, as Ciências Sociais na Educação Básica cumprem um importante papel (BRASIL, 1999). Assim, as atividades desenvolvidas no campo do ensino, fortalecerão e dialogarão com as atividades de pesquisa e extensão previstas nos projetos citados, além de figurarem nos parâmetros e diretrizes curriculares nacionais.

Ainda no campo do ensino, cabe destacar outra importante ação, o projeto denominado “aprofundamento”. Este projeto, que faz parte há alguns anos da realidade do CPIL, tem como objetivo - como sugere o nome - aprofundar determinados conteúdos que as delimitações dadas pelo calendário não permitem que sejam amplamente debatidos em sala de aula. Tradicionalmente, e por diversos motivos, a Sociologia não figurava nas aulas de aprofundamento, aulas que, dirigidas aos estudantes da 3ª série, passaram a ser dominadas pela lógica de preparação para as provas de vestibular e ENEM. Com o interesse de participar do projeto e percebendo as oportunidades educacionais do mesmo, a equipe de Sociologia do *campus* Niterói realizou um levantamento com os estudantes para avaliar se havia demanda da nossa inserção no projeto e de que forma essa inserção deveria ser construída. A partir dos interesses dos estudantes, o projeto foi formatado e está organizado em aulas quinzenais, que versam sobre temas da atualidade sugeridos pelos estudantes ou suscitados em debates na sala de aula. As aulas tem tido uma excelente adesão, inclusive por estudantes da 2ª série, e vem produzindo frutíferos debates que extrapolam a perspectiva de “curso de preparação” para exames vestibulares.

Dentre as práticas desenvolvidas no âmbito na pesquisa, destacamos o Programa de Iniciação Científica Jr. Em 2014, o Colégio Pedro II, que já incentivava a participação dos estudantes em programas de Iniciação Científica Jr. externos, tais como nas parcerias com o PROVOG/Fiocruz e Museu Nacional, iniciou seu

próprio programa de ICJr. Este processo tem nos permitido aproveitar o potencial da Educação Básica para a pesquisa científica desenvolvido no colégio, canalizando-o para as demandas da instituição e da dinâmica do *campus*, ao trabalhar com a nossa identidade e aprofundar elementos que detectamos como oportunidades e necessidades. Dessa forma, apresentamos ainda em 2014 dois projetos de Iniciação Científica Jr., desenvolvidos com estudantes da 2ª e da 3ª série, com a duração de três meses. A iniciativa, em função de sua curta duração, serviu com um “ensaio” do desenvolvimento de pesquisas no *campus*, nos ajudando a perceber os problemas e os possíveis e necessários ajustes na Educação Básica.

No início do ano letivo de 2015, o programa foi reiniciado com uma duração mais prolongada e pudemos apresentar dois projetos que serão desenvolvidos com alunos do Ensino Médio ao longo do ano letivo de 2015. Os projetos contam com a participação de quatro estudantes bolsistas (cada um) e se propõem a desdobrar os projetos iniciados no ano anterior. As duas pesquisas se organizam a partir do tema central dos projetos de dedicação exclusiva, já citados. No entanto, se focam em temas e metodologias diferentes, mas com recorte semelhantes, o Colégio Pedro II. A primeira trata de um mapeamento das atividades políticas promovidas pelos estudantes do colégio, tais como o grêmio estudantil e os coletivos de gênero; a segunda objetiva realizar uma análise sobre a percepção acerca dos direitos humanos com intuito de promover estratégias que contribuam para a promoção de uma educação em direitos humanos, primeiramente no espaço do *campus*. O que se objetiva com tais propostas é um olhar sobre si mesmo, uma produção sobre o espaço escolar para o espaço escolar; que ao significar práticas e programas curriculares, significa a própria escola. O esforço da pesquisa é produzir um “domínio da realidade que nos circunda” (Demo, 2006, p. 09), e no caso das pesquisas descritas, um domínio, através do entendimento, da própria realidade escolar. Tornando assim, o processo educativo na escola produtor de conhecimento e não um “imitador”, que apenas reproduz. A tarefa da pesquisa na escola, tanto como atividade curricular ou extracurricular, se propõe a substituir a curiosidade de escutar pela de descobrir e produzir, através da descoberta não necessariamente de

algo novo, mas algo que o permita dialogar com a realidade, traduzi-la, transformá-la pelo despertar do ator político que busca soluções para o que vive (Demo, *Op. Cit.*).

Fechando o tripé de práticas pedagógicas é importante destacar a contribuição das atividades de extensão na significação da Sociologia enquanto disciplina da Educação Básica. Tais atividades buscam apreender as necessidades acerca da produção e reprodução do conhecimento oriunda dos educandos. Como são atividades que não estão “presas” ao calendário escolar, que acaba por ser comprimido por atividades como provas e conselhos de classe, se tornam mais flexíveis e dinâmicas, podendo acompanhar as transformações e debates sociais. Ao mesmo tempo, permitem a construção da interdisciplinaridade, meta educacional muito debatida, mas que com o “aprisionamento” das disciplinas aos programas específicos, ainda não se tornou uma realidade no campo científico e educacional. Ainda serão necessários muitos esforços para “superar fragmentação das ciências e dos conhecimentos produzidos por elas” (Thiesen, *Op. Cit.*, p. 547) através da promoção da interdisciplinaridade.

No ano de 2014, foram organizadas diversas atividades como palestras, exposições de filmes, ciclos de debates e exposições, em parceria com disciplinas como História, Geografia e Biologia e com grupos estudantis atuantes no *campus* - Grêmio Estudantil e o coletivo Feminismo de ¾. Buscamos também nessas atividades trazer para a escola debates produzidos no âmbito acadêmico através de palestras com professores universitários e pesquisadores. Neste ano, 2015, as diferentes disciplinas que compõem o Laboratório de Humanidades do *campus* Niterói (LABHUM) desenvolvem o projeto de cineclubes, o “CineLabHum”. O projeto acontece uma vez ao mês, no turno oposto, e consta da exibição de um filme seguida de debate, que por vezes são convidados externos. Tal projeto tem sido importante, pois torna as atividades de extensão constantes, ao mesmo tempo em que preserva seu caráter flexível e dinâmico, organizando-se a partir dos temas que emergem da realidade presente, bem como daqueles que são demandados pelos estudantes.

A prática de laboratórios para as Ciências Humanas nos *campi* do Colégio Pedro II (Realengo, Engenho Novo e Niterói) se coaduna a uma perspectiva

Revista *Perspectiva Sociológica*, Número 17, 1º sem. 2016.

educacional que entende a escola não apenas como um espaço onde o estudante tem um papel ativo no processo ensino-aprendizagem, ao invés do tradicional papel de receptores de um arcabouço metodológico preestabelecido, proporcionando ao educando uma “aventura intelectual”. O uso do laboratório pelas Ciências Humanas se traduz num esforço de transposição do currículo para um saber-fazer, aliando debates do meio acadêmico e descobertas científicas às “emergências” que a realidade impõe (Corrêa, 2012).

Nesse sentido, o laboratório de pesquisa na Educação Básica, que se insere no campo das Ciências Humanas e suas Tecnologias, tem como um de seus objetivos a divulgação científica na escola, tanto dos conteúdos quanto das práticas e metodologias da ciência. Através de grupos de estudos, debates, pesquisas e palestras buscam-se a aproximação entre escola e universidade, fomentando a dinamização do currículo e da pedagogia. No *campus* Niterói, o Laboratório de Humanidades (LabHum) cria um espaço onde seja possível a concretização da interdisciplinaridade dos conteúdos escolares, prevista pelas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM) de 2006. A partir dessa perspectiva, o Laboratório de Humanidades tem como objetivo se aproximar – produzindo conhecimento e reconhecimento – dos debates pertencentes ao currículo, como também daqueles que se impõe pela atualidade e pela realidade e/ou necessidade apresentadas no *campus* ou no entorno da escola, cidades (Niterói, São Gonçalo e Itaboraí) ou bairro (Barreto e Neves).

#### **IV - Considerações finais**

As atividades por nós desenvolvidas no *Campus* Niterói do Colégio Pedro II e aqui descritas estão sendo construídas na perspectiva da construção do saber de forma artesanal, consciente e à procura do bem fazer (Sennett, 2009). Uma construção do conhecimento, que para significar, luta para romper com a burocratização impostas pelas instituições modernas, especialmente a escola. O ensino, a pesquisa e a extensão são construídos para que atuem de forma complementar, no constante esforço de significar o currículo escolar, através de sua junção em si e com a realidade.

Nesse esforço, alguns aspectos devem ser destacados: primeiramente, o papel que cumpre a pesquisa na escola, ferramenta essencial para a construção de uma consciência crítica, deveria ser componente obrigatório de toda proposta pedagógica emancipatória, pois habilita o educando não mais a copiar ou simplesmente analisar a realidade, mas construir, de acordo com nossos anseios, uma realidade nova (Demo, *Op. Cit.*). Se a emancipação dos educandos é ponto crucial na produção de uma educação para a autonomia, tratar da construção de um sujeito capaz de definir e ocupar seu lugar é fundamental. Percorrendo caminhos teóricos e práticos ao mesmo tempo, a pesquisa como prática escolar permite a passagem do educando de objeto a sujeito através de um processo de autoconhecimento, num fenômeno de autodiagnóstico com base no pensamento crítico. Emancipar-se é ocupar seu espaço, é também uma atitude conjunta, que não deve ser conduzida, mas precisa ser motivada (Demo, *Op. Cit.*). Ao incentivarmos e/ou orientarmos pesquisas e reflexões sobre o espaço escolar e sua interseção como a realidade que nos cerca, muitas vezes construídas em parcerias com as organizações estudantis, buscamos possibilitar a emancipação do educando, através de práticas democráticas e dialógicas.

O segundo ponto, que vem se viabilizando através das atividades desenvolvidas no Laboratório de Humanidades é a construção da interdisciplinaridade, através da troca de experiências, busca de afinidades dos programas e desenvolvimento de atividades em conjunto. O diálogo das diferentes disciplinas no campo das humanidades “visa à recuperação da unidade humana pela passagem de uma subjetividade para uma intersubjetividade e, assim sendo, recupera a ideia primeira de cultura (formação do homem total), o papel da escola (formação do homem inserido em sua realidade) e o papel do homem (agente das mudanças do mundo)” (Thiesen, *Op. Cit.*, p.548).

Há um longo caminho a ser percorrido nestes dois sentidos, porém ao buscarmos, nos aproximamos de um ideal de educação plena e integral, que se expanda para além da estrutura burocratizante da estrutura escolar e que rompa definitivamente como uma concepção de currículo e conhecimento fragmentada e atrelada a exames e processos seletivos.

## Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio (PCNEM)*. Parte IV, Ciências Humanas e suas Tecnologias, 1999. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf>> Acesso em: 01 de junho de 2014.

CORRÊA, Raphael Millet Camarda. "Práticas de laboratórios em Ciências Humanas a partir da Sociologia: perspectivas e justificativas". In: ENSOC n. 3º. 2012. Rio de Janeiro. 3º ENSOC. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.labes.fe.ufrj.br/Eventos/3ENSOC/PDF/GT3.1.4.pdf>> Acesso em: 20 de abril de 2014.

DEMO, Pedro. *Pesquisa: princípio científico e educativo*. São Paulo: Cortez, 2006.

DEWEY, John. *Vida e Educação*. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

FILHO, João Ribeiro dos Santos; CHAVES, Vera Lúcia Jacob. *Política de expansão e financiamento dos institutos federais de educação tecnológica*. Anais do XXII Seminário Nacional Universitas/BR. Natal/RN, 2014. ISBN 978-85-425-0178-0.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

GIROUX, Henry. *Escola crítica e política cultural*. São Paulo: Cortez, 1987.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia Radical. Subsídios*. São Paulo: Cortez, 1983.

LOPES, Valéria Peçanha. *Sentidos do Ensino de Sociologia: entre a crítica e a competência*. Monografia em Ensino de Sociologia do Curso de Especialização Saberes e Práticas na Educação Básica da Faculdade de Educação da UFRJ, Rio de Janeiro, 2013.

LOWY, Michael. *A Jaula de Aço: Max Weber e o marxismo weberiano*. São Paulo: Boitempo, 2014.

MILLS, Charles Wright. *A Imaginação Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

\_\_\_\_\_. *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

SAVIANI, Demerval. *O lunar de Sepé. Paixão, dilemas e perspectivas na educação*. Campinas: Autores Associados, 2014.

\_\_\_\_\_. *Política e Educação no Brasil*. Autores Associados, 1987.

Revista *Perspectiva Sociológica*, Número 17, 1º sem. 2016.

SENNETT, Richard. *O Artífice*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

THIESEN, Juarez da Silva. “A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem.” In: *Revista Brasileira de Educação*. V. 13 n. 39 set./dez. 2008.

WEBER, MAX. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro, 1974.

### **Consultas Virtuais**

<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/EDUCACAO-E-CULTURA/489437-COMISSAO-APROVA-EXAME-NACIONAL-PARA-AVALIAR-PROFESSORES-DA-EDUCACAO-BASICA.html>

(Consultado em 21/06/2015)

<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/EDUCACAO-E-CULTURA/144571-PROFESSOR-DA-EDUCACAO-BASICA-PODERA-SER-AVALIADO-EM-EXAME-NACIONAL.html>

(Consultado em 21/06/2015)

<http://portal.andes.org.br/andes/print-ultimas-noticias.andes?id=5020>

(Consultado em 22/06/2015)